

C-Bond alcança melhor nível desde a crise russa

Papéis da dívida externa brasileira vêm subindo desde fevereiro e ontem atingiram a cotação de 76,63%

Liana Verdini

Os C-Bonds, títulos da dívida brasileira negociados no mercado internacional, alcançaram o preço mais alto desde a crise russa, em agosto de 1998. Ontem, os últimos negócios com esses papéis foram fechados por 76,63% do valor de face, ou seja, do preço que o Governo promete pagar no vencimento dos títulos. A Rússia declarou a suspensão do pagamento de sua dívida numa segunda-feira, dia 17 de agosto. Na sexta, 14, os C-Bonds fecharam valendo 69,48% no mercado.

Papéis brasileiros sobem desde o início de fevereiro

Os papéis brasileiros estão subindo porque vem melhorando a avaliação dos investidores a respeito da economia do país — disse Felipe Brandão, diretor da área de mercados emergentes da empresa argentina López León.

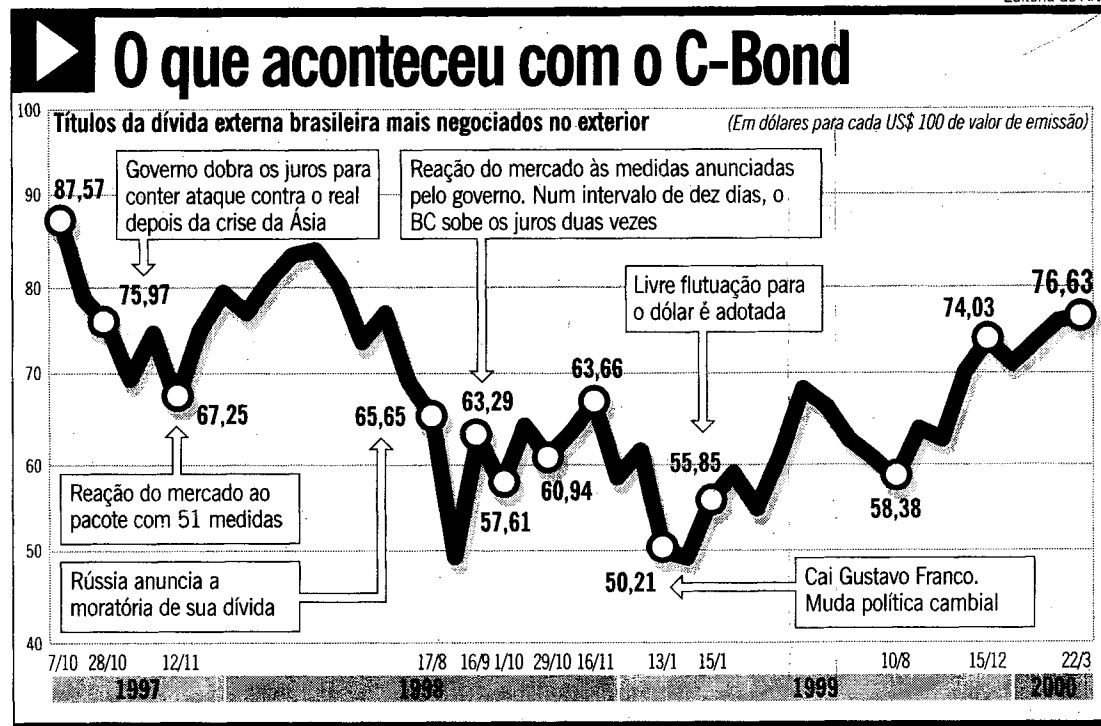
Na verdade, desde o início de fevereiro, quando os C-Bonds eram negociados por 69,72% do valor de face, que os títulos brasileiros sobem sem parar.

— O risco associado aos títulos brasileiros era o de calote. Como a situação brasileira melhorou e os fundamentos da economia estão mais firmes, os investidores voltaram a apostar em Brasil — explicou Ronaldo Guimarães, administrador de recursos da Liberal Asset Management.

Cotação do papel cai nas crises internacionais

Durante todo o período de crise dos países emergentes, que começou em 1997 na Ásia, o papel de dívida mais afetado foi o C-Bond. Isso porque esses títulos existem em grande quantidade no mercado financeiro e é o mais fácil de ser negociado quando o investidor precisa de dinheiro para honrar seus compromissos.

Enquanto a crise parecia restrita à Tailândia, primeiro país a sofrer um ataque especulativo naquele ano, o C-Bond continuou subindo e atingiu seu preço mais alto no fim de julho, quando chegou a ser negociado por 85,52% do valor que o Governo promete pagar no vencimento do título. Mas o problema na Ásia se alastrou e o papel caiu até



81,97% em 25 de agosto. Eram os administradores vendendo para cobrir os prejuízos na Ásia.

Como o Brasil parecia, na época, imune aos ataques dos especuladores, o preço do papel voltou a subir até atingir a máxima de 87,53% no dia 7 de outubro. A euforia não demo-

rou muito porque o real passou a ficar vulnerável e o Banco Central começou a gastar muitas reservas para segurar o dólar no patamar que julgava ideal. Até que no dia 27 de outubro, véspera de o BC dobrar as taxas de juros, os C-Bonds foram negociados por 78,81% do valor de face. Na

sexta, 24, esses títulos estavam sendo negociados por 84,54%.

— O preço subiu muito, mas ainda está longe do valor alcançado antes da crise da Ásia — observa Gyorgy Pavetits, operador de mercado internacional do Banco Prosper.

A taxa também está longe

da que é paga pelos títulos do Tesouro americano. Segundo Gyorgy, o spread (o que supera a taxa americana) gira hoje ao redor de 650 pontos. Antes da crise da Ásia este patamar estava em torno de 400 pontos.

Melhora na classificação do México ajudou o Brasil

— Não podemos negar que a situação melhorou, mas ainda não é a ideal — disse o operador do Prosper.

No auge da crise, o spread cobrado dos títulos brasileiros chegou a 1000 pontos.

Um outro título brasileiro que vem chamando a atenção no mercado internacional é o IDU. Esse título, na semana passada, dia 16, chegou a ser negociado por 100% do que vale. Isso porque o Brasil vai resgatar esses papéis em janeiro do ano que vem. Antes disso, porém, o país pagará juros a quem tem suas dívidas. É nesses juros que os investidores estão de olho.

— O IDU está valendo muito, mas não reflete a verdadeira situação do país, já que é um título de curtíssimo prazo — explicou Gyorgy. ■